



SONO

LUSTRAÇÃO / PORTUGUESA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça
 PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia
 EDITOR — António Maria Lopes

NUMERO AVULSO, 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
 Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
 COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00
 ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Século, 48, LISBOA

Crown Rikton and Cerbon Mtg. Co.^a

Machinas de escrever,
 accessorios e officinas de reparações
 Preços resumidissimos

Vende J. Anão & C.^a L.^{da}

R. Nova do Amparo, 6. 2.^o

Telefone 2536

LISBOA



A BELEZA
 É
 ETERNA

para quem usa os produtos da ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA e faz as massagens ou com
 os aparelhos electricos indicados. E' a unica casa em Portugal onde se fazem tratamen'tos serios.
 Todas as senhoras que se presam devem experimentar uma só massagem para co. fronte, e os
 seus productos para os fins desejados a seguir

Depilatorio electrico radical e inofensivo: o unico que tira progressivamente os pelos para sempre, O MELHOR DO MUNDO.—*Descamação artificial:* o processo mais moderno de rejuvenescimento, com a mascara de beleza; tira manchas, sardas, rugas, vermelhidão e todas as imperfeições da pele.—*Productos de Lirio florentino:* tiram os pontos pretos do nariz e rosto.—*Productos elosmery:* contra a verme hídido do nariz e rosto; resultados seguros.—*Productos d'Acacia:* para curar a gordura e luzidio da pele, dando-lhe um aveludado incomparavel.—*Productos Cicette:* fecham os poros, tornando a pele unida e fina.—*Productos Yildizienne:* para fazer crescer e alongar as pestanas e sobrancelhas, curando todas as inflamações.—*Productos Mesdjem:* para a toilette das unhas, com uma lição e para os cuidados das mãos.—*Productos Mizablia:* para fazer desaparecer as rugas e rejuvenescer.—*Productos Staffe:* para emagrecer o rosto ou o corpo.—*Productos Orion:* para engordar o rosto ou o corpo.—*Productos electricos:* para diminuir ou desenvolver e enrijecer os seios; resultados em 3 tratamentos.—*Productos Yildizienne:* para a beleza e conservação dos dentes são; e contra os dentes descarnados.—*Productos Rainha da Hungria:* fazem a beleza e hygiene da cutis, evitam rugas e todas as doenças de pele.—*Productos contra acnes:* ainda que as mais antigas.—*Productos sudorificos:* contra a transpiração do rosto, corpo e pés.—*Productos Mesojem:* contra os joanetes, olho de perdiz e calos.—*Productos Imperatriz:* branqueia a pele naturalmente, ainda que muito morena.—*Productos esmalte:* branqueia a pele artificialmente sem se conhecer.—*Cremes de massagem, medica e estetica:* para emagrecer ou para engordar o corpo ou rosto.—*Productos de grande beleza:* para as faces, labios, olhos, boca, cabelos, mãos unhas, seios, toilette intima e grande toilette, etc., etc. *Saes para banho e sabonetes,* pós de talco, vinagres de toilette, etc., etc.—*Productos Kasharina:* para tirar

verrugas.—*Balsamo Yildizienne:* para tirar os sinais das beixigas e todas as cicatrizes adherentes ou chloídes.—*Schampoo para lavar a cabeça:* especiaes para as diferentes cores do cabelo, evitando e tirando a caspa, fazendo-os crescer.—*Productos Yildizienne:* para pintar os cabelos em todas as cores e recolorá-los naturalmente sem pintar, curando a canice, calvice e todas as doenças do couro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.—*Brilhanteras especiaes para usar com estes productos:* para fazer e favorecer a ondulação Marcele, para desfrisar os que são excessivamente naturalmente frisados.—*Regenerador Masdjem:* para corar os brancos em 8 dias.—*Pós d'arroz scientificamente preparados para cada natureza de pele:* cooperosica, fiacada, seca, gorda, vermelha, rugosa, eczematosa, com sardas, pontos negros, herpética, com verrugas, com manchas, etc., etc.—*Alcoolatos:* para queimar, perfumando e desinfectando os açosentos.—*Aparelhos electricos, vibratorios e de alta frequencia:* fabricados especialmente para o metodo de massagem estetica e medica empregado por Madama Campos, com catalogos illustrados ensinando todos os tratamentos.—*Aparelhos especiaes:* para corrigir os defeitos esteticos do nariz, das faces, da segunda barba, etc., etc.—*Aparelhos:* para afinar os dedos e tirar os joanetes.—*Aparelhos:* para o desenvolvimento e enrijamento dos seios.—*Aparelhos:* para os douches dos olhos contra as ruas, fraqueza da vista, olheiras, paos nas palpebras e para dar brilho aos olhos.—*Fentes e escoras electricas:* para curar a calvice e fazer crescer o cabelo.—*Espanas electricas:* para massagens.—*Estojos:* para unhas e todos os utensilios para manucure.—*Pulverisadores a vapor:* contra as rugas, para fechar os poros e contra doenças de pele. Lampadas de luz para o tratamento da pele.—*Aparelhos Orion:* para a massagem manual. Escovas para a massagem pessoal do corpo, com electricidade e sem electricidade.

Academia Scientifica de Beleza
 Avenida da Liberdade 25 — LISBOA

DESCONTOS AOS REVENDADORES. Vendas por grosso e a retalho. Telefone 3-641-N. Teleg. Belazak. Resposta mediante estampilha. Catalogos illustrados com todos os tratamentos e productos a 1\$100

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dôr, corôas
 d'ouro, dentes sem placa.

R. Eugenio dos Santos, 35, 1.^o



Corôas

Onde ha o mais chic
 sortido e que mais ba-
 ratu vende, por ter
 fabrica propria. e na

Camelia Branca
 L. D'ABEGOARIA, 36
 (ao Chiado) - Tel. 3270

“VITRILOIDE”

SUBSTITUE COM VANTAGEM A VIDRAÇA

Chegou nova remessa

13, Pr. Restauradores — Lisboa

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



ALICE COCEA

A CREADORA DA *PHI-PHI*, NAS ROCHAS BASCAS, PASSANDO UMAS FERIAS BEM GANHAS

Maria Adelaide Lima Cruz

Maria Adelaide, uma pintora-miniatura, uma pintora de cabelos curtos e saias curtas, que sente como uma pessoa crescida, tem, em exposição, no Salão Bobone, cêrca de 40 aguarelas e uma duzia de trabalhos a oleo.

E' esta a 3.^a exposição de Maria Adelaide, e, sem duvida, a mais completa. Porém, por uma contradição bizarra, aqueles que ha dois anos chamaram qualidades aos defeitos de Maria Adelaide, chamam hoje defeitos ás suas qualidades, e isto sob o pretexto de que ela cresceu, creando, portanto, maiores responsabilidades.

Dois anos passaram... E porque dois anos passaram, já os criticos, os nossos severos criticos, querem que ela pinte sem hesitações, sem influencias, sem ingenuidade.

Como se fosse possivel! Maria Adelaide, apesar de tudo, apesar do seu talento, apesar das duas exposições anteriores, tem apenas 13 anos, e é isto que é preciso não esquecer.

Quando pousamos os olhos n'uma aguarela de Maria Adelaide, temos a impressão de ter olhado, atravez do seu pincel, pedaços da nossa vida.

A sua colecção de aguarelas é um album de retratos — um album de instantaneos. Todas as raparigas reconhecem ali os pequeninos episodios da sua vida frivola. O chá das cinco, o «flirt», o «fox-trot», a má-lingua, o teatro, o vestido e o «sport», fazem parte da vida de todos os dias — d'esta vida bulhenta, instavel e absorvente.

Maria Adelaide é uma grande observadora. Não ha nas suas aguarelas uma só que não tenha expressão real. As suas caricaturas são, graciosamente, copiadas do natural.

Na parede dos oleos, detive-me largo tempo. Maria Adelaide ali apresenta outras qualidades, egualmente notaveis.

Se nas aguarelas nos impressionam a largueza do desenho, o colorido harmonico e forte, a elegancia rara das figuras, no oleo admiramos, sem reservas, o trabalho consciencioso d'uma artista, que trabalha em demanda da perfeição procurando alcançar uma tecnica perfeita, uma noção exacta das proporções, um «á vontade», que, em Arte, muito poucos possuem.

E, agora, propositadamente no fim, o nosso caloroso aplauso á Ex.^{ma} Sr.^a D. Adelaide Lima Cruz, que, como mãe e como artista, mais uma vez soube ser inexcivelmente perfeita.

FERNANDA
DE
CASTRO

A capa do ultimo numero da *Ilustração Portuguesa* é a reprodução d'uma bela aguarela do illustre pintor Leitão de Barros. Destinava-se esta reprodução a uma pagina do texto, tendo servido de capa por um lamentavel engano dos empregados da gravura. Ao distincto aguarelista apresentamos as nossas desculpas.

Realizou-se, ha dias, no salão da Liga Naval, o 2.^o concerto de apresentação das alunas do grande pianista Rey Colaço. Toda a assistencia aplaudiu, com entusiasmo, as executantes, e Rey Colaço recebeu mais uma vez do publico os mais vibrantes aplausos e o mais carinhoso acolhimento. O 3.^o concerto deve realizar-se na proxima segunda-feira.

F. de C., o illustre poeta que, gratuitamente, a todos os assinantes da *Ilustração Portuguesa* dá as suas lições e os seus conselhos, corrigindo-lhes os defeitos, desenvolvendo-lhes as qualidades, continua a cumprir a sua promessa, publicando, n'esta secção, a poesia que mais lhe agradou d'entre aquelas que lhe enviaram na semana finda.

A poesia que a seguir publicamos, «Olhos verdes», é da autoria de *Julio Valfôr*, morador em Vieira, que revela, n'esta poesia, grandes qualidades literarias. «Olhos verdes» é uma sequencia de quadras facéis, ligeiras, que caem no ouvido como acordes suavissimos. *Julio Valfôr*, que se estreia n'esta coluna de versos, e que poderá ser, em breve, um poeta de valor, merece largamente os nossos elogios.

OLHOS VERDES

Ter uns olhos como os teus
E ainda em cima ter pesar!
Menina, toma cautela,
Não te vá Deus castigar...

Olhos verdes! Quem me dera
Que os tivesse assim tambem,
Aquela que a minha sina
Destinar para meu bem.

Pois parece-me e assim
Aos outros deve parecer,
Que os teus olhos teem a côr
Melhor que podiam ter...

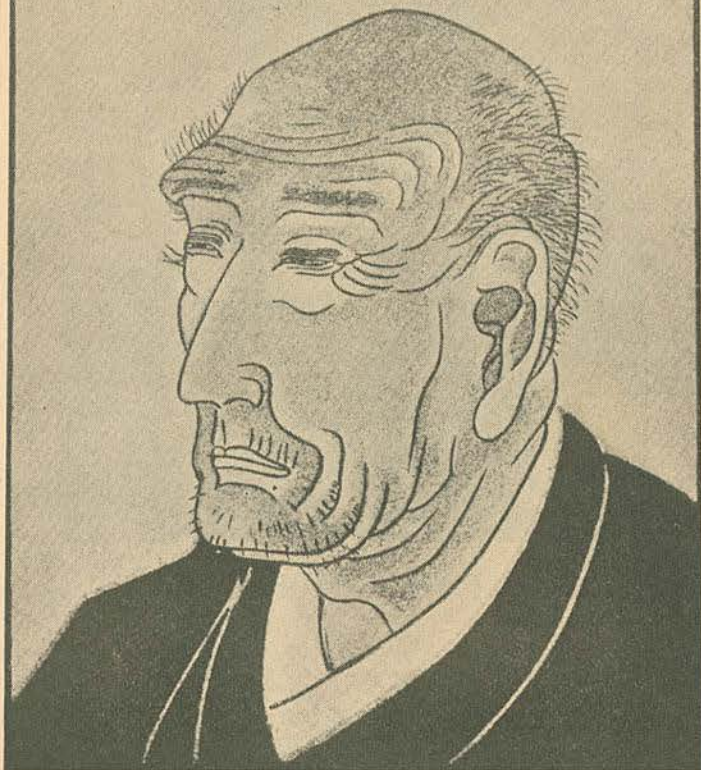
Olhos verdes! Foram eles,
Desde a hora em que te vi,
Que me levaram, talvez,
A gostar tanto de ti...

Olhos verdes! Como os teus
Inda os não teve ninguém,
Nem talvez a Joaninha
Do Vale de Santarem.

N'A novela do distincto escritor Joaquim Leitão, «Suprema coragem», que começamos a publicar no ultimo numero da *Ilustração*, saíram algumas gralhas que é preciso reparar. Onde se lê «para ela o fogo», «perigos do soldado», «ficou a madrinha», «viragem», «lendas», «com as que lhe escreveu», «desconfiaria ela?», «Te-la-iam denunciado!», «Neste caso, não fico», leia-se, respectivamente, «para ele o fogo», «perigos da soledade», «ficou sózinho», «miragem», «saudar», «com as que lhe escrevia», «desconfiaria ele?», «Te-lo-iam denunciado?», «Nesta casa não fico».

A ARTE MODERNA NO ORIENTE

像 史 翁 齋 此 飾 壽



Hocu Jay — Auto-retrato

sas interessantes. Que ha dois grandes teatros, em Tokio, o Imperial e o Kabrikija; ha o teatro popular que representa dramas antigos, onde o amor, a futilidade e o «harakini» desempenham os principaes papeis. E a população culta? Essa ouve teatro europeu. Mas desgraçadamente para nós, Tokio escolhe melhor o seu teatro do que nós. E os seus principaes autores são Ibsen e Tolstoi.

— Ah! Tolstoi! — exclama numa ternura, a propria miss Tona ...

Expliquei-lhe que Tolstoi em teatro era desconhecido em Portugal. E que Ibsen já fora pateado.

Autores japonezes? Quasi que não ha. Mas ha actores, grandes actores. E cito-me Sadanji, Kawai, Kaivakami, Koshiro. Atrizes? Não ha. São os homens que fazem os seus papeis, tal como cá nos tempos

da senhora D. Maria I.

Que ela falasse tão facilmente do teatro japonês era natural. Mas onde ela me surpreendeu foi a falar de pintura, citando-me os nomes de Utamam, Hiroshipe, Kumisada, Toyokuni, Hocu Jay, os velhos mestres da aguarela

— E os novos? — perguntel-lhe com grande interesse pela minha geração do Pacifico.

Dos novos apontou dois nomes Aripima e Baské Yamada.

Mas miss Tona explicou-me que não gostava dos novos, porque eles eram muito desnacionalizados. Nenhum deles cultiva a linda e velha aguarela. Trabalham todos a oleo — o oleo occidental, o oleo gomeiro, que eles japonezes a «contre-cœur», não percebem.

Acamaradei com miss Tona, na magua pelo abandono da velha e linda aguarela por parte da minha geração do Pacifico ...

Miss Tona deplora a desnacionalização do seu país, ela que reedita no seu cabelo e na sua alma, loiras, a Yorloaka de Claude Ferrero ...

Por fim miss Tona Khiyva, quis falar e ouvir falar deste país — que ela tinha apercebido já com muitas revoluções, grande «gâchis», uma inversão de valores, que persiste mesmo vista do outro lado da terra.

Por fim Tona Khiyva perguntou-me o que é que eu escrevia, que obras tinha, que genero cultivava. Não podia sequer responder, como outro, «de genre beau». E tive que explicar-lhe que o que fazia — era aquilo.

Miss Tona Khiyva estava sendo, naquele momento — uma obra minha, uma das melhores obras ...

MISS CRISAN-TEME—a de cabelos côr de tabaco egipcio — chama-se, afinal, Tona, Tona Khiyva, disse-mo ela, um pouco agastada, o mais agastadamente gentil que pode sêr, — que no Japão, as mulheres — vi-o por «miss» Tona — são tal qual como no Occidente...

Miss Tona tambem não achou bem que eu visse a sua terra natal — como um vago ponto: entre bambus. Não. Tem até um porto de mar...

Miss Tona despoeitizou assim a sua terra e o seu nome. Mas é a realidade — aquela realidade que foi sempre inimiga da poesia. Miss Tona acha-se ainda demasiadamente japoneza na entrevista; e ela é loira, precisamente como um aviso, um desmentido.

Miss Tona — e eu persisto em chamar-lhe «Miss» tanto quanto ela permite em sel-o — falava, na verdade menos japonez do que a minha fantasia de occidental o desejava, é, no entanto acima de tudo muito interessante, o que é interessante em qualquer latitude.

E' bonita, de uma beleza excêntrica, enreda, e por isso, «exquis». E' um japão pintado a inglês. Miss Tona tem muito prazer nisso — e eu tambem. Menos «mignon» que as «gueishas» do seu paiz, é mais fragil do que as suas inglesas do seu sonho.

Mas ainda mais do que bonita, Miss Tona é invulgarmente inteligente e inteligentemente culta. E' artista.

Quando falei, com amor, na pintura dos japonezes, nas preciosas «patiches» de natureza dos seus aguarelistas, miss Tona, foi-me buscar uma «magasine» do seu país, uma «magasine» moderna, através da qual espreito, como por um papel de seda, um Japão antigo e eterno. A «magasine», para ser bem japonesa, isto é, bem oposta a nós, é de folhear da direita para a esquerda. As «magasines» do Japão principiãam por acabar ...

E foi, com grande espanto — simplicidade occidental! — que eu vi a «magasine» cheia de fotografias excelentes, nítidas, perfeitas. Entretanto, em literatura, eram mortas. E foi quasi como surpresa, que o dedo de miss Japão me apontou uma cabeça de japonesa de cabelo colado ao craneo. Que era?

— Um penteado á antiga ...

— Ja se não usa, miss?

Não. Na sociedade é rarissimo ...

A proposito do teatro, Miss Tona disse-me ainda coi-

A S E X P O S I Ç Õ E S

COMO há, artisticamente, o intimismo, tem de consagrar-se o frivolidade. E apraz-me lançar o termo na circulação, a proposito de Antonio Soares, frivolidade de destaque.

Anunciada e transferida mais duma vez, como entrevista arriscada, sempre abriu sabado passado, no salão da *Ilustração* a exposição Antonio Soares: nucleo interessante de trabalhos de varias epocas, com que o moço artista vem pela primeira vez, e só, dar pasto ás apreciações descontraídas e, sobretudo, fazer, ante parte da obra realizada, o exame de consciencia necessario para um novo avanço,



O pintor Antonio Soares



Quadro pertencente a madame V. S.

que imponha definitivamente o seu temperamento.

Entre os artistas em plena mocidade, Antonio Soares, camarada de Cristiano Cruz e Jorge Barradas, é dos que mais valem. A vigoria do primeiro e ao humorismo do segundo, opõe êle, o mais pintor dos três, a distinção e a finura duma sensibilidade requintada, que sabe graduar excelentemente a côr.

No grupo crescente dos modernistas portugueses marcou um lugar indisputavel pelas suas qualidades de delicadeza e elegancia. Um pouco boemio, quasi sonambulo no feitio, paradoxalmente descuidoso e atormentado, Antonio Soares tem, na arte, uma devo-

ção absorvente. Autentico Pierrot, de mascara [lunatica e nervoso traço, enche-o a infinita, a gloriolosa obsessão da mulher; não da mulher Jupitérea e fecunda, suave e ingenua, de outrora, mas a da mulher espicacante, androgínica, viciada, insatisfeita, retocada, artificializada, desconcertante, de hoje em dia.

Dentro da hora que soa, Soares, lisboeta da gema, tendo sempre respirado as toxinas voluptuizantes do Chiado, profetisa, com ansioso sonho e culta sensualidade, o que poderá vir a ser a tão progressiva alfacinha do nosso tempo: essa que, em certos casos, já começa a mostrar-se, como uma sugestão que passa.

Para Antonio Soares, frivolutra deliciado, a mulher está longe de ser deusa, mas nunca deixa de ser idolo; idolo, por vezes, boneca de trapos, outras fetiche policrómico, sempre uma



No teatro



«L'Oiseau bleu»

especie de lampada atraídora do seu falenico talento, que, em algumas molduras desta exposição, não recusou assemelhá-la a um aceso balão veneziano — o balão vistoso e combustivel do arraial do amor e da luxuria.

Não poz títulos ás suas obras o autor. Teem só numeros e preços, como se, para êle, as mulheres nem nome tivessem, nem adjectivos merecessem, mas fossem apenas a segunda, a quinta, a decima terceira, a vigessima oitava, tabeladas caro — brinquedos dispendiosos!

Seguindo o desejo do catalogo, tambem não as por men orisarei, se bem algumas, de uma rara gracilidade ou dum diabolismo picante, manifestem, como pregaadeiras, o apetite de que lhes destinemos a afinetada dum epiteto. A do n.º 35, por exemplo, tem uma boca quadrada e purpurea como

uma fivela de coral. Noutras, mais discretas ou mais ariscas, o lapis quasi seguiu as normas do buril.

Em muitas, ha notas amaveis de colorido, pequenos gritos de cor a garridar: o roxo de uma «toque», o rubro dum crisantemo, o negro dum corpete, a caricia dos tecidos pseudonimando a nudez ávida.

Outras impressões, não mulheris, aparecem: dois deslocados retratos masculinos, ensaios decorativos, um pastor de flauta em punho, um tocador espremendo o harmonio, as vendedeiras de laranjas, a rapariga das infusas, as mulheres com cestos.

A mulher de luxo, é, porém, quem ali reina, a mulher, meio afrancezada, de capa

de revista, a mulher dum ilustrador que folheia a «Vogue», a «Femina», a «Vanity Fair» e ambiciona para cá figurinhas assim: farrapos sumptuosos de hipergalanteria, que Antonio Soares obsediamente busca caracterizar, completar com novos achados cromáticos entrevendo-as, um pouco diluidamente, como ambulantes caixas de tintas de bipés transparentes, como sulfureas chamas de pecado, como resinas a afrodiziar a rua e o salão. Tipos decadentes, que êle nos dá elegantissimamente, como nessa repetida criação, nesse supra-sumo de voluptuario refinamento: a sua mulher de olheiras côr de rosa.

MANOEL DE SOUSA PINTO



(Clichés Salgado)

NO TEATRO POLITEAMA



Aªscena final da «Casaca Encarnada»

A "CASACA ENCARNADA"

PEÇA EM TRES ACTOS DE VITORIANO BRAGA

ENTRE nós não existe o Teatro Actual, o Teatro da Hora. Todas as atenções são para o teatro regionalista, esse teatro que só triunfa, que só é belo, quando tem, em si, a essencia do universo. Ninguem se preocupa com o regionalismo dos Seculos, que é, afinal, o mais difficil de surpreender, o que mais deve tentar um dramaturgo de pulso. Foi esse o grande triunfo de Vitoriano Braga, a começar pelo titulo que é quasi o titulo da nossa Idade, a idade



Lucilia Simões e Ribeiro Lopes numa das ultimas scenas da peça

do «Fox-Trot», e a terminar no desenho dos personagens, a «Casaca Encarnada» é uma das peças portuguezas que melhor têm sabido dar o momento, o nosso momento, este momento decadente e vistoso que é o casulo donde vai desabrochar uma nova moral, uns novos estatutos sociais.

Evaristo Fernandes, tzigano na casaca e rei na alma, é um momento da nossa Epoca Singular. A peça tem grandeza, tem verdade, tem Asa. Pena é que Vitoriano Braga não

tivesse escrito, com mais sintese, a sua peça admiravel. Ha, de quando em quando, uma preocupação de retorica que a prejudica. Li, em qualquer critico, que a peça era má porque não tinha tese. Como se, na vida, houvesse teses, como se, no teatro, portanto, pudesse haver teses...

Ha dias, passou-me pelos olhos, uma critica de Fernand Gregh, atacando, sem piedade, uma dessas tais peças que querem, por força, ter tese, que julgam as almas vindas dum casão — como as fardas dos recrutás. A «Casaca Encarnada» não é uma peça de tese, é um «fait-divers», uma ondulação da epoca... Poderão dizer que eu me contradigo quando proclamo a necessidade dum teatro actual, e quando nego a legitimidade do teatro de tese. E' que na vida actual não ha teses, ha individuos. O teatro não tem mais do que seguir as pisadas desses individuos... Victoriano Braga, que já se afirmára um dramaturgo de requinte no «Octavio», afirma-se um dramaturgo moderno na «Casaca Encarnada».

O desempenho foi inteligente e correcto. Erico Braga, grande actor em certos momentos, carregou demasiado o seu papel difficil. Lembrou-me certos «virtuosos», certos azes da musica, que, na ansia da perfeição, desafinam, muitas vezes... Entretanto, a interpre-

tação de Evaristo Fernandes ha-de ficar, na carreira de Erico, como um grande triumpho. Com mais sobriedade e menos cabeleira, Erico teria sido perfeito. Lucilia Simões, a grande actriz de sempre, coleou, com perversidade e intelligencia, o seu papel ingrato. Brunilde, ovacionada pelo publico, agradou-me menos do que em outras peças. Brunilde é, por emquanto, uma grande actriz na linha do seu corpo inverosimil, do seu corpo-frase.

O publico ilude-se e toma, por arte, o que é, principalmente, vida. Brunilde tem, sem duvida, um belo talento. Só triumphará, para mim, no dia, breve por certo, em que a sua alma plagiar o seu corpo, em que a sua voz obedecer ao ritmo das suas linhas. Ribeiro Lopes, um actor que admiro muito, foi demasiado modesto na apresentação do seu tipo de triumphador. Maria Santos—A. B. C. a rir.

Calazans, algodoado, conservado em alcool, ligeiramente Museu Grevin, fez com brilho o seu papel, o seu papel «demodé», um dos raros erros da peça, um papel que é um pergaminho.. Falta-me o espaço para falar, em pormenores, de Seixas Pereira, Mario Pedro, Jorge de Sousa, que foram bem e chegaram para os papeis. Os scenarios de Campos e Oliveira—nem por isso deram o fruto desejado.

ANTONIO FERRO



No terceiro acto. Brunilde e Erico

(Clichés Salgado)



PENELOPE

POR te não vêr, não só te não esqueço,
Como te lembro mais, no meu desejo;
Venho, porque ha cem dias te não vejo,
Que é c'ém vezes melhor que te conheço.

ESTA saudade pôz-te em mais apreço.
De tudo o que invejei, eu nada invejo
Ao vêr surgir, em rutilo cortejo,
Tuas virtudes mil, que não têm preço.

PENELOPE ressurge em tua alma!
Esposa, tu serias como ela
Divina e firme e santa e surda e c'ega...

NOIVA, sabes esp'rar serena e calma,
Confiada no amor, a hora bela
Que para todo o Amor um dia chega!

José BRUGES D'OLIVEIRA.

1921. (Inédito).

A MALIA olhou-o demoradamente nos olhos, a convencer-se de que era verdade quanto ele dizia agora.

— Repito: acho um disparate estragares a tua situação. (E como ela fosse a falar, deteve-a com um gesto)—Ouve! Um momento! Acho um disparate deixares a tua casa, perderes o teu nome, sem que um motivo forte surgisse a indicar esse caminho. Isso não quer dizer que eu te abandone como o primeiro biltre A minha vida, a minha casa, os meus braços estão abertos para te receber. Vem, quando quizeres, hoje, amanhã, logo, já!

Numa explosão de choro, Amalia caiu sobre o peito de Alfredo, como vida, grata, apaixonadamente a murmurar-lhe:

— Como é bom perder-me por ti, meu querido Fred?...

— Socega, filha! — pedia-lhe Alfredo, anediando-lhe os cabelos, com uma paciência de mimo paternal — Prepara as tuas coisas, e amanhã, depois, um dia destes irás. Também não é nenhuma sangria desatada!...

Quando recebeste essa carta?

— Hoje.

— Então! Tens muito tempo.

— Não, não. A censura demora, ha casos de familias que teem recebido cartas e até telegramas, depois das pessoas estarem em casa.

— Hum!... Bem, mas nesse caso, fica combinado, amanhã venho buscar-te.

— A que horas?...

— A' noitinha.

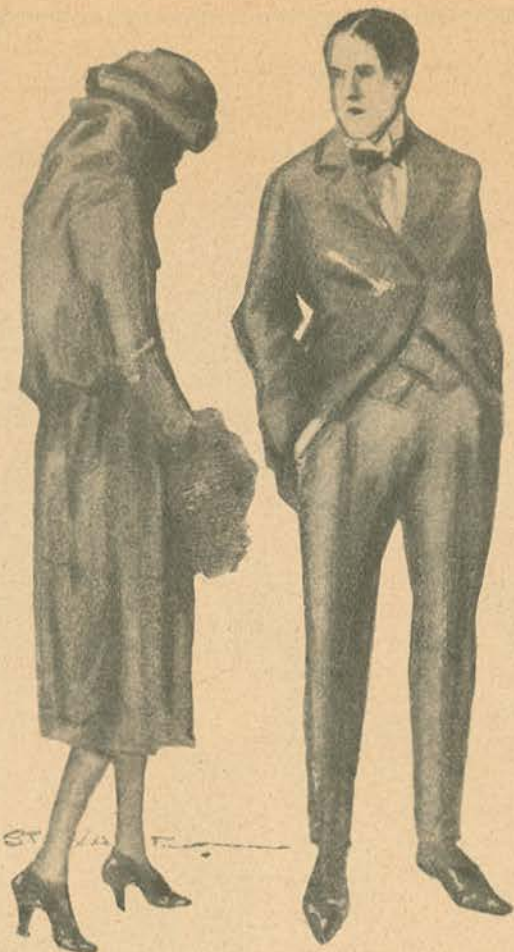
— A' hora de hoje?

— Sim, meu amor, á hora de hoje.

Cumpridor e pontual, vinte e quatro horas depois Alfredo foi encontrar Amalia, de chapéu na cabeça, malas afiveladas, naquela anciedade de passageiro, em sala de espera de uma estação de entroncamento.

III

QUANDO o Meireles chegou, daí a poucos dias, encontrou apenas uma carta em que, veladamente, a lealdade de Amalia lhe dava a entender porque abandonára o lar.



— O que fará ele, meu Deus! — exclamava ela.

— Ora! o que ha-de fazer? Requerer o divorcio — respondeu Fred — E o que faremos nós depois sei eu: casar civilmente.

Amalia beijou-o, muito grata áquela firmeza, enlevada no proceder do seu Fred.

Tal era a sua ansia de legalisar a sua vida, de readquirir uma situação esclarecida pelos codigos, que lhe passára o pavor de saber regressado o marido, como tambem deixára de se temer do escandalo que no pequenino meio das suas amigas e dos seus parentes ia ser o requerimento do divorcio.

— Tomara já receber a intimação! — confessou com impaciencia no fim do almoço.

— E eu! — disse Fred.

Tocaram á campainha.

Era o correio. Uma carta, entre a correspondencia, chamou a atenção de Fred.

— De quem será?! Não conheço a letra...

— Deixa ver... — pediu Amalia, debruçando-se sobre o hombro de Fred; e num grito de susto:

— E' d'ele.

— Oh! vamos

lá a ver o que pretende sua excelencia... — disse Fred, abrindo paulatinamente o sobrescrito.

Anciosa, tremendo toda, Amalia inclinou-se para ler tambem. Fred tirou de dentro do sobrescrito um cartão de visita a cujo nome vinham acrescentadas estas palavras:

desejando falar com V. Ex.^a, espera-o amanhã, ás 5 horas da tarde em sua casa.

Seguia-se o endereço bem conhecido dele.

Levemente nervoso, Fred procurava meter o bilhete no sobrescrito, como viera, mas o papel de sêda que o forrava enfolou, e, num gesto de enfado, empurrou o cartão, calcando o fôrro. Atirou com o sobrescrito para o lado, abriu o resto da correspondencia, tomou o ultimo gole de café e levantou-se da mēsa. Ao beijar Amalia, esta envolveu-lhe o pescoco nos seus braços morenos e perguntou-lhe, enfitando-o apreensivamente:

— Tu vaes?...

Fred respondeu com a cabeça afirmativamente.

— E se ele te mata?

Fred encolheu os hombros, como quem admite a hipotese. Mas a seguir disse:

— Não creio.

— Se fosse a ti não ia, encarregava alguém de ir saber o que ele te quer.

— O meu dever, o meu pundonor de homem manda-me ir. Se se trata de um assassinato premeditado, cobarde, falhando este ele premeditará outra espera, seguir-me-ha, espreitar-me-ha até eu lhe passar ao alcance dum tiro nas costas. Não vale, pois, a pena evitar este encontro. Quanto mais depressa se definir a situação, melhor. Eu, como sabes, não sou homem para indecisões. A desgraça, por mais angustiosa que seja, é preferível a um momento de dúvida.

A cabeça de Amália pousou sobre o hombro d'ele, e toda ela era um presentimento, a solução. Fred afagou-a, passou-lhe a mão pela cintura e, sempre com o hombro d'ele a amparar-lhe a cabeça, foi deita-la na *chaise-longue* do quarto de vestir.

— Sais, já, querido Fred?

— Saio, meu amor.

— Promete que mal essa horrível conferencia acabar, passo direito aqui dizer-me o que se passou.

— Prometo, sim, filha. Está descansada, Não é nada.

— Alguma coisa é, para ele te escrever a marcar uma conferencia.

Fred passeava, de mãos nas algibeiras do jaqueão, repassando aquele caso de psicologia. Por fim, estacou deante de Amália:

— Repito: não é nada do que tu estás parez aqui a pensar, amor! Se ele quizesse matar-me, tinha dois caminhos: provocar-me a um duelo com condições apertadas ou esperar-me e desfechar sumariamente sobre mim. Esta segunda hipotese está posta de parte. A primeira também, visto como não é tramite de pendencia o dirigir-se um dos antagonistas directamente ao outro.

— Mas, então, o que te quer êle?

— Não sei. Talvez ofender-me por palavras, para chegar ao duelo sem que apareça o motivo directo...

— Então não se podia recomendar ás testemunhas que não dissessem os motivos?...

— Poder, podia... Mas um homem perturbado nem sempre pode lembrar-se das formulas.

— E pode esquecel-os de todo, procedendo como um selvagem. Estás a dar razão aos meus presentimentos!

— Não sejas pessimista! Até logo!

— Não vás já!

— Tenho voltas a dar. Quero ser solenemente pontual.

— Só mais um bocadinho.

— Até logo! até logo! — e dando-lhe um beijo, desprendeuse-lhe dos braços. Saiu.

Amália ouvindo bater a porta da rua, ergueuse para o chamar. Passou por um espelho, viu-se desgrenhada, os olhos inchados, incapaz de chegar á janela, reconheceu mesmo a inutilidade dessa tentativa, e recaiu no sofá, aniquilada de afflicção, a chorar, a soluçar tempo sem conta. O relógio bateu horas. Amália contou-as: quatro... quatro e meia. Faltava ainda meia hora para se encontrarem aqueles dois homens que a amavam, que se odiavam e iam talvez matar-se por amor dela.

— Meia-hora!... — exclamou Amália.

E com o queixo apoiado na concha da mão, o cotovelo fincado no joelho, ficou-se de olhos no vago, a considerar a sua situação, toda concentrada naquele tumulto de sentimentos, de pensares, de factos, de pessoas, que alvorojava a sua vida, até ha pouco decorrendo na tranquillidade de ribeira onde só as aves e as folhas das arvores afloram. Subitamente levantou-se, passou uma *gabardine*, poz um chapéu preto, e abalou. O primeiro automovel vazio que passou chamou-o, deu-lhe instruções, atirando-se para o fundo do carro, com a cabeça encostada ao fole do automovel, palida, sem forças, attitude de pessoa ferida conduzida numa ambulancia.

O automovel estacou a uma esquina, donde sem se aprear viu a porta da sua antiga casa. Arregaçou a manga do agasalho num gesto brusco, para consultar o relógio de pulso.

— Cinco menos cinco!

Esperou esses tormentosos minutos. Decerto Fred já tinha entrado. Amália não podia tentar o ultimo recurso para evitar o encontro dos dois homens. Todo o seu supplicio se limitou agora a esperar o desfecho...

Passavam doze minutos das cinco, quando Amália viu sair Fred, encaminhando-se para o lado onde estacionava o auto. Abriu a portinhola e chamou:

— Fred!

Ele estacou, sem comprehender. Amália gritou ao *chauffeur* a morada, puxou Fred para si, bateu a portinhola, e beijando o amante sofredamente, perguntou desvairada:

— Estás ferido?

— Não.

— Feriste-lo?

— Não.

— Vão-se bater?

— Não. Em casa conto... Tem paciencia. Socega! Deixa-me socegar tambem a cabeça um bocadinho.

IV

FEITO o trajecto sem mais uma palavra, Amália com as mãos dele nas dela, mal chegaram a casa fecharam-se no escriptorio de Fred, e ela reperguntou:

— Vá! Dize! O que se passou?

— Uma estranha coisa!...

— Conta! Depressa!

— Entrei para a saleta onde ele já me esperava.

Recebeu-me de pé, correspondendo com outro ao meu cumprimento de cabeça. Indicou-me um *maple*, indo sentar-se á meza de trabalho, donde me fitou brincando com aquele carregador de *maneliker's* de que faz péza-papeis. Para acabar com aquilo, disse-lhe: «*Estou ás suas ordens. Estranho apenas que v. ex.^a não tenha preferido mandar-me dois amigos com quem os meus representantes se entendessem.*» —

«*Um duelo?*» disse ele. E sem esperar resposta, fez uma cara de aborrecida reprovação, acrescentando:

— «*Não, não, não! Não se trata disso. Venho de expôr a vida, de matar, de vêr morrer, de vêr sangue, de andar aos encontros á Morte! Sem medo da guerra, estou farto da guerra. Não dou apreço á Vida, tão pouco dou importancia á Morte. Não venho para me maçar. Não quero nada disso...*» — «*Nesse caso acho que foi inutil...*» — repliquei eu, levantando-me sem concluir.

— «*Está enganado, fique!*» rouquejou ele, imperativamente, os olhos a fuzilarem — «*Se foi para me vexar que me chamou aqui, éo senhor que está enganado!...*» — «*Mau! Detêmo-nos de frases! Eu sou militar. Decido, não discuto. Sei o que quero. Faça o favor de se sentar e ouça.*» — Sentei-me, disposto a haver-me com um louco. E ele numa voz lancinante, mas forte e imperiosa, tornou: — «*Já lhe disse que venho cansado de tiros, de sangue. Trago ancia da paz! Quero a minha casa como a deixei. O senhor tirou-me a minha felicidade, levou-me a minha mulher, e eu quero que o senhor m'a entregue!*» Ao vêr o meu indicador apontando-o, atalhou: — «*Não lhe dê cuidado o que dirá o mundo, que a mim tambem me não afflige isso. A minha coragem pessoal está provada por deztoito mezes de front. A minha coragem moral vou prova-la agora. A minha mulher faz-me falta. Sou amigo dela, é a base do meu lar. Teve uma falta na sua vida? Só a mim compete julga-la e sentenciar-la.* A minha sentença é esta: quero-a aqui, hoje mesmo. Não vindo, amanhã irei eu busca-la aonde ela estiver. Era isto o que eu tinha a dizer-lhe.» E levantando-se, empurrou a porta, dando a conferencia por terminada. Saí atordoado com o desfecho original deste encontro. Ainda não tivera tempo de conciliar as minhas emoções quando dei comtigo dentro do automovel.

E Fred deu em passear, pelo aposento, agitadamente, mudamente. Amália seguia-o com o olhar em pasmo. Quando ele, tonto de andar para cá e para lá, se sentiu esfalfado, Amália foi beija-lo e murmurar-lhe ao ouvido:

— Mas tu não me entregas, tu não me deixas ir, não?

Fred fitou-a serenamente, beijou-a e declarou:

— Tu é que deves deixar-me. Ele ama-te muito mais do que eu, porque eu não era capaz de fazer o que ele faz. Se tu me enganasses, eu não te queria mais. Em mim o ressentimento primária sobre o amor. Naquele homem, por sobre todos os sentimentos e preconceitos, ha o amor e a amizade por ti.

— E que tu me não amas prova-o o conselho que me dás!

— Se eu te não amasse, prendia-te, não te deixava ir para ele. Havia de ser egoista, talvez me envaidesse, e quizesse provar-lhe que tu me preferias a ele. Mas, não. Quero só o teu bem.

Amalia olhava-o fixamente, estupefacta e assombrada. Fred continuou:

— A tua felicidade está mais assegurada junto d'êlo do que junto de mim, reconhecendo eu, com respeito, que êle é muito mais teu amigo do que eu. Ele tem a suprema coragem de amar nas condições em que todos odeiam, e sem se preocupar do que pensem d'êle.

— E' um egoista!

— Não sejas injusta!

— Sou um movel que êle notou faltar-lhe em casa quando regressou!

— Não te exaltes!

— Faça-lhe falta, é o que é! Não sabe viver sem mim! Quer-me! Que respondeste tu?

— Nada.

— Pois podias responder: não vae. E não vou!

— Vae. Um de nós, êle ou eu, tem de ser sacrificado. Ele tem mais direito, porque é mais nobre, e mais teu amigo.

Amalia ergueu-se, com um rictus, e chegando-lhe as palavras á cara, numa labarêda de raiva:

— Não sou mulher de quem ninguem se aborreça! Vês como êle me quer? E' como tu has-de tornar a querer-me. Ah! Se eu fosse má, como vocês serieis bonecos nas minhas mãos! Mas, não. Desprezo-vos demais para brincar. A humanidade é toda igual, feita da mesma lama. Só pode ser amada enquanto o fôgo da nossa Paixão der a essa lama a apparencia dum barro. (*E arfante, de agredir*): — Achas, então, que devo voltar para o meu marido?

— Sinceramente, lealmente! Se o homem que te leva fosse outro amante, eu defender-te-ia defendendo até á morte a minha Paixão!... Mas é... é o teu marido. Vae. Deves ir. Só nos seus braços encontrarás uma felicidade longa e serena!...

— Irei! Irei mas para te odiar!...

— A hora em que poderes odiar-me será a primeira da tua nova felicidade.

— Pois fica sabendo que essa hora bem dita ou terrivel já soou no meu coração!

Amalia desapareceu, como estava: sem chapéu, sem abrigo e—quem sabe?—se sem saudade daqueles dias de erro e de angustia...

JOAQUIM LEITÃO

(Da Academia das Sciencias de Lisboa)



Ilustrações de Stuart Carvalhaes

MAIS
ALÉM
DA
MORTE
E
DO
AMÔR



(Alguns soliloquios insertos no ultimo livro de Albino Forjaz de Sampaio.)

Albino Forjaz de Sampaio

Traço mentalmente o mapa da tua alma. E vejo o continente do interesse ligado por um delgado istmo ao mundo imenso do meu amor.

Mas penso em separar o istmo, que a epoca é de grandes engenharias.

*

A legenda de D. João prova menos a devassidão do eterno amoroso que a dificuldade de encontrar uma mulher digna de ser amada. D. João, o velho camarada, meu triste neurastenico do amor! Como elas juravam! E como elas mentiam!

*

A melhor cousa do mundo é a mulher.

Quando ainda se não tem ou quando se perdeu já.

*

O frio. E' um elemento subornavel. E' apenas questão de roupa.

*

A saudade. E' lembrar-se a gente de menores males. Porque se fossem maiores não lembravam.

*

A' medida que os meus amigos sobem, assim me esquecem. E' que embarcaram para a Fortuna. Mas a minha alma sarcastica, pacientemente, começa a pôr a meza para os banquetear na escura noite do seu desolado regresso.

*

Ha favores que não ha absolutamente nada que os pague.

?

Porque não valem absolutamente nada.

*

Os amigos conhecem-se nas occasiões. Exacto. Nas occasiões em que não precisamos d'elles. Porque quando precisamos são elles que nos não conhecem a nós.

PORTUGAL, PARAISO DO MUNDO

PALAVRAS DO IMORTAL POETA ARGENTINO GUIDO Y SPANO

UNS VERSOS QUE IRRITARAM OS PARAGUAYOS

FALAVA-SE muito, na Argentina, na doença que retinha quasi solitario, perto de La Plata, o poeta das *Evangellicas*, de *La sombra de la patria* e de tantas outras joias peregrinas que faziam, especialmente, a delicia do meio intelectual portenho.

O deputado D. Mariano de Vedia, atendendo á situação precaria em que se encontrava *Almafuerte* (Pedro Palacios) cujo retrato Faustino Brugheti expuzera, com justificado successo, em Roma e na casa Wittcomb, havia apresentado, em maio de 1916, um projecto de lei concedendo-lhe uma pensão vitalicia que fôra aprovada por unanimidade. Por sua vez, o governador da Provincia de Tucumán, dr. Padilla, querendo obter o concurso do famoso vate para o Centenario do Juramento da Independencia feito em terras tucumanas, pedira-lhe o discurso inaugural.

Secundaram tal sollicitação os drs. Barroetaveña, (o amigo mais intimo de *Almafuerte*) Madariaga e outros.

Conta-se até que o dr. Padilla, atormentado com a orientação avançada que tal trabalho ia tomando e sem coragem para manifestar os seus receios ao poeta, fez com que Barroetaveña lh'os fizesse sentir por uma forma habil tendente a não beliscar susceptibilidades. *Almafuerte*, porém, retorquiu-lhe furioso:—*Yo no doy claridades, me entiende? porque no soy un clarin. Sépa usted que yo soy todo una orquesta!*

Leopoldo Lugones, ao falar-me de aquelle feito tão altivamente exagerado mas que tinha a desculpa-o verdadeiras rajadas de genio, poz tanto brilho na sua fé admirativa como no estudo que, nessa mesma tarde, apresentou no *Odéon* subordinado ao titulo de *El paiz de la belleza*.

Almafuerte veiu a morrer, pouco depois, em fevereiro de 1917, cedendo a Carlos Guido y Spano o seu glorioso titulo de principe dos poetas argentinos. Em abono da verdade, justo é declarar que a Guido y Spano pertencia já a consagração popular como sendo o poeta nacional por excelencia. Entreter relações pessoasas com esse vate era motivo de orgulho entre os povos latinos e daí a causa do meu grande desejo de, como estrangeiro, me aproximar desse patriarca da poesia que tantas semelhanças apresentava com os maiores genios do universo. De facto, Guido y Spano tinha traços fisionomicos identicos ao do nosso imortal Guerra Junqueiro, aos do dr. Mathias Calandrelli, famoso educador universitario argentino já falecido, autor do *Diccionario Filologico*, aos de Victor Hugo e aos de Mistral, o *Homero da Provença*, de quem Ruben Dario dizia:

Gran patriarca! Tu canto lleva el mistral sonoro
Canto de amor y fé
famoso criador da *Mireille* que serviu de base a uma das mais perfeitas operas de Gounod.

Mas não ficam por aqui taes semelhanças.

Conhecem aquella fotografia de Tolstoi, o devotado apostolo do bem, da paz e da fraternidade, quando agonisava em Astopovo, tres dias depois de ter fugido da sua casa em Iasnaia Poliana, em busca de socego? Pareceu-me vêr a copia flagrante desse quadro russo quando entrei no predio modesto da calle Canning, numero 2715, e transpuz a porta do quarto desse imortal poeta desse imortal poeta do *Hojas al viento* que era, em 1916, aos 89 anos, para a Argentina o mesmo que, aos 82, 1884, Victor Hugo era para a França. Decano dos excelsos poetas da America foi a vida que levou uma das mais agitadas entre as das figuras culminantes da literatura do seu paiz. Era filho do general D. Thomaz Guido, um dos jovens nacionalistas mais entusiastas do seu tempo e um dos mais procurados e criteriosos conselheiros de San Martin, Bolivar e O'Higgins. A sua intima amizade

com o Protector do Perú valeu-lhe por um titulo de gloria a juntar-se a tantos outros que soube conquistar na vasta epopeia da independencia argentina temperando o caracter e o ardor patriotico deixados, como valiosa herança, ao filho, a esse vate consagrado.

Em meio seculo de intensa actividade em que o progresso da sua terra natal lhe absorvia o pensamento, Carlos Guido y Spano foi jornalista, polemista, critico, historiador, tradutor de classicos antigos e modernos, polyglota, tribuno eloquente, como seu pae tinha sido, e, acima de tudo, como poeta, mostrou-se, inalteravelmente, o estreneo defensor de todas as causas que o seu espirito magnanimo reputava justas e nobres.

E, assim, defendeu a liberdade da França nas jornadas sangrentas de 1848 e 1852, as ideias republicanas (sendo im-

perador D. Pedro II) no Brasil onde seu pae estava como ministro residente da Argentina. A heroidade paraguaya contra o general em chefe da Triplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguay), o esforço decidido de Montevideo, os interesses mexicanos quando se deu a tragedia imperial de Maximiliano, a guerra franco-prussiana de 70 e a alvorada da independencia cubana. Daí o motivo porque Montevideo, Lima, Assunción, Carácas, Quito e tantas outras cidades disputaram a honra de consideral-o como nacional. Nas assembleias populares mais acaloradas e nas grandes efervescencias civicas aparecia sempre a figura simpatica desse vulcão de genio cuja lava emocionante era ainda a mesma nos ultimos anos, embora aparentemente coberta com a neve dos seus cabelos brancos. Perseguições politicas, depois da sua estadia no Rio de Janeiro, levaram-no a dirigir-se a Lisboa onde os literatos desse tempo lhe ofereceram um banquete festejando a tradução de Lamartine que Spano acabava de fazer. Daqui seguiu para Paris e Londres. Quando chegou á capital fran-



O poeta em 1916

ceza o seu primeiro cuidado foi depôr um ramo de violetas no tumulo dos dois amantes—Heloisa e Abelardo—como ele proprio nos diz no seu *Ráfagas*:—«Mi primer cuidado al visitar el camposanto (Paris), fué depositar un ramo de violetas en el sepulcro donde jacen Heloisa y Abelardo. El amor, pensé, és superior á todo. Dios encendió su llama vivificadora y sublime, que ningun viento poderá apagar jamás. Los que han sabido alimentarla con la essencia más pura de su ser, mejor que nadie simbolisan el vinculo sagrado que une al hombre con la dignidad. Honor á sua memoria!»—Regressando a Buenos Ayres, varios foram os cargos publicos por ele occupados, empregando a sua bondade quer socorrendo os compatriotas atacados da febre amarela, epidemia que, nessa data, produziu numerosas victimas, quer tratando de feridos em lutas fratricidas. O governo quiz, por esse tempo, patrocinal-o, collocando-o á frente duma empreza para fomentar a agricultura, mas annunciando grandes reformas, depois de tomar posse do respectivo cargo, levou os funcionarios subalternos a comparecerem apenas de 15 em 15 dias afim de o deixarem só, entregue á meditação, num ambiente agradável que lhe deu ensejo á feitura de primorosos trabalhos poeticos...

Era então denominado, por esse e identicos motivos, o *menino grande e harmonioso de cabelos brancos*, porque, sem duvida, a bondade inspirava todos os seus actos. Victor Hugo escreveu-lhe, certa vez:—«Sois um espirito generoso. Quereis a verdade pela luz, a liberdade pela justiça, a paz pela fraternidade. O filosofo eguala em vós o poeta. Felicito-vos e digo, comvosco:—«*Adelante!* Os estrecho la mano.»

Amigo e contemporaneo da pleiade insigne da qual fizeram parte Velez Sayfielá, Mármol, Derqui, Urquiza, Mitre, Sarmiento, Alsina, Avelaneda, Roca e tantos outros mais de reconhecido merito, esse apostolo da serena beleza do Rio da Prata, o mais querido e o mais popular dos vates argentinos, evocação radiante dos trovadores medievaes, sonhava incessantemente, mas em vão, com um americanismo idealista e fraternal. Companheiro e amigo de Gonçalves Dias e de tantos outros cultores do verso, apaixonado outr'ora por Sofia Hynes, essa estatua viva, branca e loura que seguira, pelo coração, até Colonia del Sacramento, devoto do esplendor da natureza, a arte era tudo para ele e sentia-se feliz entregando-se ás *silenciosas orgias do pensamento* como chamava ás constantes locubrações intellectuaes. Cavalheiresco, mantendo toda a linha fidalga que competia ao filho de um heroe da Independencia e de mãe chilena que sempre acompanhara o marido dando-lhe alento para a luta, foram varios os gestos com que vincou a sua personalidade. Citemos um, ao

acaso. Quando o povo argentino, mal humorado contra os paraguayos, depois da guerra, murmurava ao vêr, em Buenos Ayres, Madame Lynch afeiçãoada ao ditador Lopez, Guido y Spano, sem a conhecer, ofereceu-se para a acompanhar logo que a soube ameaçada. E, num requinte de galanteria, serviu-lhe de defensor atravessando a multidão quieta de pasmo e beijou-lhe cortezmente a mão, no caes em que havia de embarcar com seus filhos.

Passado o primeiro repente, o povo quiz agredil-o, mas a sua eloquencia justificou, de sobejo, a fidalguia do acto que acabára de praticar. Na *Nacion* e *La Prensa*, como diarios mais importantes, que são, na Argentina, levantaram a ideia da coroação do poeta maximo. *La Nacion* já tinha tentado essa homenagem em 1892, e em 1894, voltou a agitar a opinião, a tal

respeito, secundado por *La Prensa* em cujas columnas, a 10 de agosto, dizia o Dr. Joaquim V. Gonzalez:—«Llámese um plebiscito en toda la extension de la Republica e preguntese quien hade subir al pedestal aún desocupado, y de todas partes se escuchará el nombre del anciano poeta.»—Durante a minha passagem por Buenos Aires surgiu, novamente, a ideia da coroação do patriarca da literatura argentina. Constituiu-se uma comissão organisadora da homenagem, com secretaria provisoria na calle San Pedrito, numero 207, e as adesões choviam, com sincero entusiasmo, de todos os meios cidadãos e provincianos, *La Prensa* e alguns outros diarios intensificavam a propaganda por tal modo que as escolas normaes, Asilo coronel Falcón, colegios nacionaes, varias instituições publicas e particulares, escoteiros e povo entenderam, em 3 de Julho de 1916, abrir os festejos do Centenario de Tucuman com uma romagem civica ao poeta dos *Ecoss lejanos*, figura exquisita, de alma aberta a gran-



Um autografo de Guido y Spano

des rasgos, cantor da esperanza num povo que defendeu galhardamente ao vèl-o tiranisado. Tanto na manifestação da manhã como na da tarde em que interveiu a Associação Patriótica Nacional, houve discursos vibrantes, na rua e nas janelas do poeta, sendo cantado o hino nacional pela multidão incendiada em entusiasmo. Raros eram os dias que findavam sem que numerosos grupos de creanças de varias escolas, acompanhados pelos respectivos professores, fossem lançar flores sobre o leito do poeta paralitico, cujos versos recitavam com voz eivada de matinal frescura. As mais conceituadas emprezas como, por exemplo, *La Biblioteca Internacional de Obras famosas*, não dispensavam autografos de Guido y Spano que lhes serviam de proveitoso reclamo.

MARIO MONTEIRO

D. a Academia de Sciencias de Lisboa

(Continua no proximo numero)



CIS-
NES

Desenho de *Stuart Carvalhais*

CISNES



ADORMECEM os cisnes sobre o lago...
Despreendem-se das arvores, caíndo,
As sonambulas folhas que dormindo,
Poisam nos cisnes, tremulas de afago.

Sae da floresta um som plangente e vago...
Aquieta as aguas o luar infindo...
E os brancos cisnes sobre o verde lago,
São açucenas ao luar florindo...

O vento a sonhar alto nos pinhaes,
Vae-se abrandando, adormecendo mais,
Perde-se ao longe n'um ruido vago...

Tomba a noite... Desfilam as Edades
Num cortejo de Espectros e saudades...
Adormecem os cisnes sobre o lago.

MANUEL COLARES PEREIRA



Na estação do Rocio. O sr. Carlos Malheiro Dias, suas filhas, o sr. Embaixador do Brasil, o sr. Macedo Soares, o sr. dr. João de Barros, o sr. Artur Brandão e o sr. Antonio Ferro



CARLOS MALHEIRO DIAS, o embaixador intelectual da nossa terra, da sua terra muito querida no Brasil, esteve entre nós alguns meses, repousando sob o nosso céu azul. Escritor dum alto valor—o valor mais positivo da sua geração—conquistou novos amigos, amigos do seu espírito e da sua bondade. Ha muitos anos partiu, deixou Portugal e foi ocupar no Brasil—a terra irmã de Alem-Oceano, o seu lugar—o lugar que lhe competia entre os escritores brasileiros. Gravou o seu nome, venceu. Mostrou-se e todos

viram nele, um dos escritores mais nobres da lingua portuguesa. Ha dias partiu a varios destinos, Paris, Berlim, etc. Regressa novamente ao Brasil, animado pela mesma energia—uma das suas grandes qualidades—para continuar a sua obra, os seus trabalhos, a Historia da colonização portuguesa no Brasil, trabalho-monumental que por si, chega para nos evidenciar o alto espirito de Malheiro Dias, o seu patriotismo, a sua grande vontade de agitar constantemente o nome de Portugal.

(Clichés Salgado)

O actual director da Ilustração Portuguesa despedindo-se do sr. Carlos Malheiro Dias, o primeiro director deste magazine

TAPETES DE ARRAYOLOS

UMA EXPOSIÇÃO NO SALÃO NOBRE DO «TEATRO NACIONAL»

A BRIU no Salão Nobre do Teatro Nacional uma exposição de tapetes de Arrayolos, a primeira que se realisa depois do renascimento dessa industria de arte, e que marca o acontecimento artistico mais caracterisadamente portuguez de toda a semana. Recebamos com carinho e com alegria a arte popular da provincia. Mas não deixará de vir a proposito, antes de dar uma ideia do conjunto da exposição, traçar o breve esboço historico dessa industria.

A tapeçaria de Arrayolos, da especie tapetes bordados, parece dever a sua origem á imitação dos

Divide o sr. D. Sebastião Pessanha a manufatura dos tapetes de Arrayolos em tres epochas correspondentes a tres estadios perfeitamente caracterisados da atividade industrial e da inspração decorativa. Assim, attribue os mais antigos tapetes á segunda metade do seculo XVII e entende-os os mais belos e os mais raros e produto da curiosidade particular ou do trabalho conventual alemtejano. Eram bordados sobre linho e não sobre o canhamação de estopa como depois principiaram a ser, numa transição para a 2.^a epoca. Os motivos do desenho são ainda copia rigorosa da tapeçaria persa de mistura com uma infinidade de animais.

A 2.^a epoca, iniciada por volta de 1720-1730, abraça um periodo em que a industria, já estabele-



Um modelo dos tapetes de Arrayolos

tapetes persas que desde o tempo de D. João I, pelo menos, eram conhecidos em Portugal, quer pelos exemplares produzidos na Asia, quer pelos produzidos entre nós pelos mouros, expulsos no fim do seculo XV mas tendo deixado influencias e continuado a exportar para Portugal os seus produtos por intermedio das nossas praças marroquinas.

Nos nossos dias a historia desta industria tem sido estudada principalmente pelos meus illustres consocios da Associação dos Arqueologos os srs. D. José e D. Sebastião Pessanha, e mereceu tambem a atenção de Souza Viterbo e o comentario literario de Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida e outros escritores, bem como um formosissimo poema no ultimo livro de Antonio Sardinha.

Sobretudo áqueles dois estudiosos das coisas portuguezas se deve a reconstituição dessa historia, a classificação das suas epochas e mais ainda o estimulo para o renascimento da industria que como se verá mais adiante, volta felizmente a animar-se.

cida em Arrayolos, atinge o mais elevado grau de prosperidade. Desaparecem quasi por completo os motivos orientaes e veem os inspirados nas chitas estampadas da epoca e as ingenuas criações das proprias bordadoras.

Esta prosperidade dura 50 anos e principia em fim do seculo XVIII a decair, dando uma 3.^a epoca, de decadencia, que vae até á extinção no meião do seculo XIX, perdendo os desenhos toda a sugestão oriental e a inspração local e limitando-se á reprodução inferior de flores e de debuxos de marcar.

Ha perto de vinte e cinco anos, o meu saudoso amigo José Queiroz, que sempre recordo com lagrimas, encarregado de dirijir trabalhos de decoração num palacio de Lisboa, procurou obter tapeçarias de Arrayolos e dirigiu-se áquela alegre vila alemtejana. Mas das antigas bordadoras só encontrou tres, uma já octogenaria e as outras duas entregando-se a nova industria. Consegiu, porem, que umas senhoras da terra amavelmente se encarregassem da tarefa e logo

de outra para o sr. Braamcamp Freire. Foi, pôde dizer-se, o primeiro passo para o renascimento dessa industria portuguesa. Apraz-me dar aqui relevo a este facto para que a pouco e pouco e tanto quanto possível se vá publicamente reconhecendo o que Portugal e o seu reaportuguesamento ficam a dever á memoria do querido artista e grande português José Queiroz.

Em fins de 1899 e por iniciativa do governador civil de Evora, o sr. Henrique de Sá Nogueira, foi introduzido na Casa Pia daquela cidade o ensino da tapeçaria. Para ali foram dois individuos que conheciam o preparo das lãs e das tintas e assim se conseguiram alguns tapetes.

Em dezembro de 1916 foi inaugurada em Arrayolos pelo sr. Piteira Franco uma pequena officina de que vieram exemplares á exposição de tapetes antigos organizada no Museu do Carmo pela bela revista *Terra Portuguesa* em conjunção com a Associação dos Arqueologos. Essa exposição realizou-se em 1917, por este mez de março e o seu catalogo serviu-me hoje de guia e de auxiliar nesta enumeração de factos.

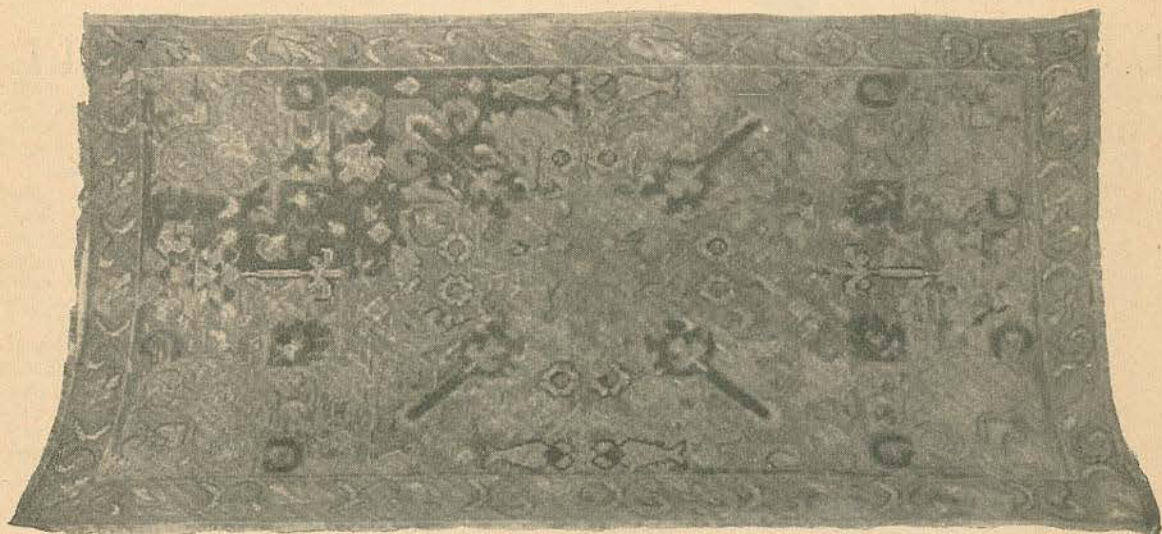
O entusiasmo pela velha tapeçaria igual ao que

E de igual preparo domestico era a lã de bordar, que se tosquiava dos rebanhos numa hora, ia a lavar á ribeira noutra hora, cardada apoz, e logo tinta e fiada em longas estrigas das côres mais prediletas das bordadoras.»

A policromia dos tapetes arrayolenses tem como base quatro corantes todos vegetaes, o anil, o pau do Brazil (pau-rainha), o lirio e o trovisco. As côres obtidas por processos estabelecidos em formulas que estão descritas algures são: azul (diversas gradações até ao azul *pombinho*, quasi perola), encarnado (muito difficil de trabalhar), amarelo, amarelo torrado, vermelho, verde, roxo, cor de pulga.

*

Hoje a unica fabrica existente em Arrayolos, pertencente á firma Rosado Pinto e dirigida artisticamente por quem tem sido, pôde afirmar-se, a padroeira dos tapetes de Arrayolos, a sr.^a D. Jacinta Leal Rosado, encanta-nos na exposição do Teatro Nacional. Esta fabrica, que trabalha a lã desde que vem do animal até ao tapete, propõe-se, se fôr animada, encetar a fabricaçoão dos produtos similares, carapuças, mandiz,



Outro modelo de tapete

Beckford tanto manifestou por varias vezes voltou aos nossos compradores e as encomendas cresceram em numero. Ao mesmo tempo em Lisboa e na provincia algumas senhoras iniciaram a manufactura particular e o restauro dos tapetes tipo de Arrayolos utilizando a principio lãs estrangeiras córadas quimicamente e depois as vindas mesmo de Arrayolos onde de novo se tingiam pelos velhos processos locais e que são, como veremos, muito interessantes. E' justo citar aqui três nomes dessas senhoras que são a sr.^a D. Maria Arantes e D. Maria Adelaide Pessanha e ultimamente a poetisa D. Fernanda de Castro.

*

Fialho d'Almeida, o grande amante da terra alemtejana, trata com desvanecimento em algumas paginas da *Vida Ironica*, a industria extinta dos tapetes de Arrayolos. E' magnifico o seu pequeno quadro descrevendo a tecnica primitiva:

«Os tapetes bordavam-se sobre trama de calhamço (sic) d'estopa, que as tecedeiras locais faziam o tear, co'o fio que as outras segregavam das rocas, á lareira, durante as noites do inverno alemtejano.

adresses para salas, reposteiros, passadeiras, etc., etc. Nesta exposição verifica-se o escrupulo de reproduzir fielmente e unicamente os motivos antigos, o que não verificámos em outras fabricas identicas do paiz. Só temos a sentir um pouco, como bem me fez notar o sr. D. José Pessanha, que as côres sejam reproduzidas por exemplares de ha duzentos e trezentos anos, dando o resultado de conjuntos muito mais palidos de côr do que os dos antigos tapetes no momento da fabricaçoão em que tinham côres vivissimas.

Mas o esplendor decorativo é enorme, a industria revive e a fabrica que tal consegue deve ser bendita.

Nada mais quero agora do que saúdar o nobre esforço estetico e patriótico dos organizadores desta exposição que são tambem a alma do renascimento. E que ali concorram não só as pessoas de espirito curioso pelas artes decorativas portuguezas e pelas industrias regionaes, simples espectadores e adquiridores mas tambem as classes populares, os operarios, as classes modestas, para que vão reconhecendo quão grandes recursos creadores de Belesa o seu labôr e a sua vontade lhes podem dar.

Clichés Salgado

ANTONIO DE MENESES



Lucilia Simões, Lucinda Simões e Erico Braga

LUCILIA SIMÕES NO BRASIL

EM FINS DO CORRENTE MEZ, PARTE PARA O RIO DE JANEIRO A COMPANHIA LUCILIA SIMÕES DE QUE FAZEM PARTE A GRANDE ACTRIZ LUCINDA SIMÕES E O NOTAVEL ACTOR ERICO BRAGA. É A PRIMEIRA VIAGEM QUE LUCILIA SIMÕES FAZ AO BRASIL, DEPOIS DA SUA REAPARIÇÃO. NOS JORNALIS BRASILEIROS, ULTIMAMENTE CHEGADOS, FALA-SE JÁ COM ALVOROÇO DESSE ACONTECIMENTO. O BRASIL TEM O CULTO DE LUCILIA SIMÕES. NA BAÍA, HA ALGUNS ANOS, O DIA DA FESTA ARTISTICA DE LUCILIA FOI DE DIA DE FESTA PARA A CIDADE. AS SENHORAS DA SÓCIEDADE PROMOVERAM-LHE UMA HOMENAGEM QUE AQUELA CIDADE AINDA NÃO ESQUECEU. O COMERCIO EN-CERROU AS SUAS PORTAS. EM SEU LOUVOR, FOI PUBLICADO UM LIVRO COM A COLABORAÇÃO DE TODOS OS ESCRITORES E JORNALISTAS DA BAÍA. É DE ESPERAR QUE O EXITO, DESTA VEZ, SEJA MAIOR. LUCILIA SIMÕES—A GRANDE ACTRIZ, GLORIOSA DA NOSSA ARTE DRAMATICA, ATINGIU A PERFEIÇÃO. É DIFICIL REPRESENTAR MELHOR EM QUALQUER PARTE. O NOME GLORIOSO DE LUCILIA SIMÕES, A MOCIDADE INTELIGENTE DE ERICO BRAGA, AS BELAS QUALIDADES DE RIBEIRO LOPES, VÃO CONTRIBUIR PARA QUE ESTA VIAGEM RESULTE UMA APOTEOSE.

(Cliché Salgado)

SEMANA SPORTIVA.

EU não sei se dançar e apreciar meninas bonitas é positivamente um *sport*, mas suponhamos que o é para me poder referir à festa que o Gimnasio Club Português levou a efeito, no ultimo sabado, para comemorar a *mi-carême*.

Devo principiar por vos dizer que isto de comemorar num sabado uma festa passada na quinta-feira, me traz à lembrança a *Titi* do meu amigo Pedro — que vocês não conhecem — e que, só para ser agradavel ao sobrinho, mudou o dia dos seus anos para uma semana mais tarde. Mas voltando à vaca fria, que é como quem diz: à festa do G. C. P., devo dizer-vos que foi um sarau interessante, que manteve a grande assistencia em constante hilariedade e cujo numero mais curioso foi a eleição da Rainha da *mi-carême*, que, como podem supôr, era a cara mais linda de entre tantas que lá estavam.

Os organisadores do sarau aplaudiram delirantemente a sua Rainha. Fizeram mal, porém. Um homem agrada tanto mais a uma mulher e muito mais a interessa quanto menor importancia elle lhe der. Eu, pelo menos, penso assim e vocês, se não concordarem comigo, tenham paciencia. São opiniões...

Mas deixando agora o sarau do G. C. P., que é uma agremiação tudo quanto ha de mais sportiva e que, se se denominasse J. P. C., podia muito bem ser uma marca de carrinhos de linha. Devo-lhes dizer que, no Tennis Club da Guarda, houve uma festinha simpatica que eu não quero deixar no esquecimento vago das coisas inuteis.

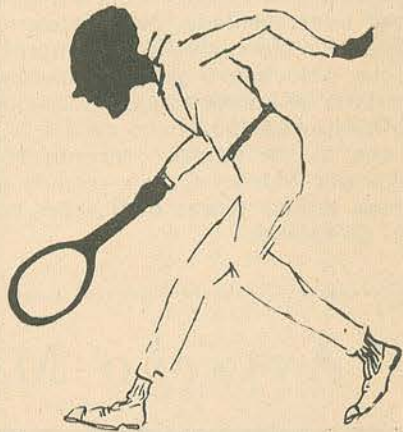
Com respeito a aviação, o sr. Sacadura Cabral, quando disse ao *Seculo* que nada havia sôbre o *raid* Lisboa-Brazil, não disse a verdade, aliás no louvavel intuito de evitar o réclame, e gaguejava; esta attitude era mais propria do sr. Gago Coutinho. Tudo se prepara para esse celeberrimo *raid* que se ha-de fazer mais em breve ainda do que muitos de vocês o julgam.

A Federação Socialista de Desportos Atléticoes enviou, ao publico, o regulamento geral de um *cross country* de ensaio, abertura solene, em mi bemol, da sonata da Primavera que entra.

O Club Naval, esse velho Club Naval onde se

respira bom senso e uma certa antiguidade de mo-veis juntamente com fumo de charutos, falou, e falou bem, sôbre a proxima escola de véla. Oxalá não se invertam as coisas e a escola do Club Naval não vá à véla.

Em *foot-ball*, para terminar pois que já estou cansado, deram-se factos inexplicaveis, mas de veras curiosos, nesta pobre semana que passou. Houve um desafio amigavel entre os grupos *Leões Invenciveis* e *Giribi-Giribá*. Ao ver uns nomes destes, ainda tive

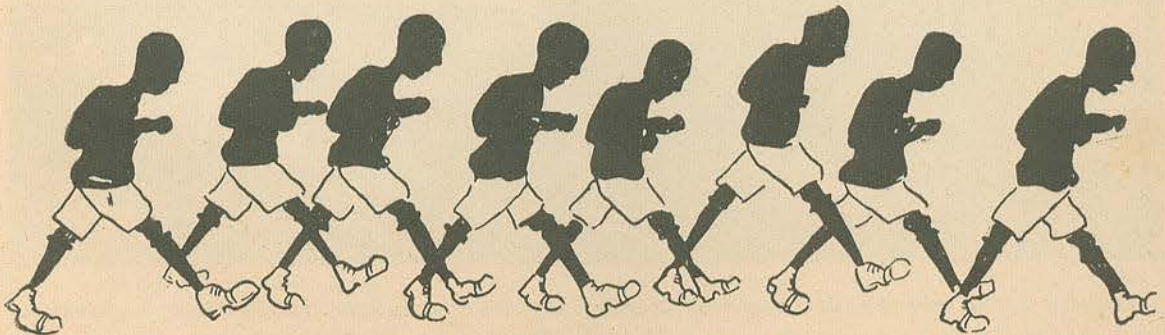


esperanças de conhecer, e em breve, um fortissimo agrupamento com o pomposo nome de *Bacalhau com batatas Foot-Ball Club*.

E, para ponto-final, dir-vos-hei que o Sporting ficou campeão de primeira categoria e o Victoria de segunda. Foi um jogo em que vimos quasi entrar em scena as metralhadoras da G. N. R. e em que o bom senso, tanto dos jogadores como do publico, esteve *of side*, muitas vezes.

«PING-PONG»

Desenhos de A. S.



OS FUNCIONARIOS EXEMPLARES

UM CADASTRO E UM ARQUIVO DE REGISTO CIVIL
ORGANISADOS POR MANUEL CEIA

NEM tudo são coisas lastimosas, no funcionalismo publico. Ha nele motivos, por vezes, para justo louvor e as excepções assumem assim maior honra para dignidade da Republica e para ilibação da classe.

A proposito dessas excepções, queremos-nos referir a um funcionario que sabe ter dignamente na conta de um compromisso de zelo o cumprimento dos seus deveres. Trata-se de Manuel Ceia, ajudante da 3.^a Conservatória do Registo Civil, que organisou o cadastro e arquivo de registos demograficos, relativos aos anos de 1911 a 1922, com uma dedicação incessante e com o maior escrupulo e a mais laboriosa minuciosidade. No ministerio da Justiça e Cultos foi reconhecido o valioso e ímprobo trabalho de Manuel Ceia, pelo que o governo mandou que se lavrasse uma portaria de louvor ao zeloso funcionario, diploma que foi publicado na folha oficial do dia 11 do corrente. Associamo-nos a este honroso reconhecimento dos serviços prestados por Manuel Ceia e cremos que ele será o estímulo para muitas outras dedicações por parte do funcionalismo do Estado.



Manuel Ceia

Aviação Militar Portuguesa



O chefe do Estado colocando as insignias da Cruz de Guerra no estandarte da Aviação Militar, na Amadora

OS LIVROS DA SEMANA



GABRIELE D'ANNUNZIO E EU (CRONICAS DE FIUME, por Antonio Ferro.—Ha generos literarios que envelhecem, que se gastam, que entram no passado, na morte, no esquecimento. O genero «livro d'impressões», livro de viagens e de *croquis*—esse não conhece nunca essa *patine*. Ele é eternamente moço—da eterna mocidade dos olhos. Ele está sempre em primavera—na primavera eterna dos sentidos.

Antonio Ferro acaba de publicar um livro d'estes, um livro de viagens, um livro de impressões. E, como a toda a sua obra, Antonio Ferro dá a este seu volume uma clara e pessoal originalidade, que não tem uma sugestão, que não traz uma semelhança, a não ser a sugestão d'ele proprio, Antonio Ferro, a não ser a semelhança da «Teoria da Indiferença» e da «Leviana», da «Colette» e da «Arvore do Natal». Da Teoria da Indiferença encontra-se a audacia, o egolatrismo, a esplendida attitude, aqui e além, uma restea de observação

aguda, perturbadora, voluptuosa de pecado, embruxada de malicia. Da «Colette» a analyse facil, pitoresca, bric-à-bracada, das sensibilidades cosmopolitas. Da «Arvore do Natal», a aza lirica, certos parentesis d'enlevo, certas cadencias de vôo, certas imagens que planam alto, como aguias... Antonio Ferro conserva-se, pois, o sintetizador da «Teoria», o poeta da «Arvore do Natal», o modernista acerado e guloso da «Leviana»—no seu ultimo livro. E contudo, sem abandonar a coerencia comsigo proprio, Antonio Ferro foi um mestre de jornalismo, atraindo as curiosidades, tantalizando os espiritos, deixando em cada uma das suas cronicas ao mesmo tempo um sabor de fruto proibido e um azulado extase de sonho. Foi o jornalista—artista nunca o jornalista mercenario. Ele não foi a Italia, como todos os outros iriam, para de lá mandar a Portugal as informações vulgares, os comentarios massudos, os aspectos classicos e amorfos. Ele foi lá para a transfigurar, para a embo-

neçar de frases e para a iluminar de girandolas. E a Italia ficou para nós cheia de seivas novas, ficou uma quermesse do nosso tempo, auriflamada de vertigens, apoteótica de fremitos e de bandeiras!...

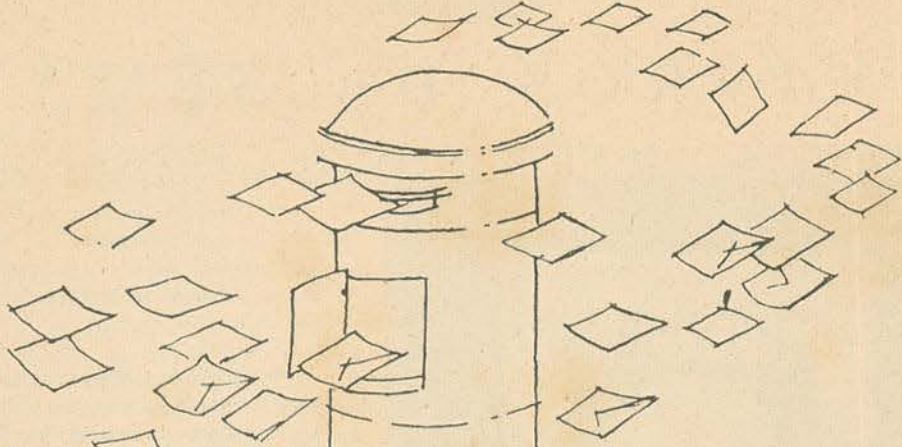
Antonio Ferro, como nota culminante da sua ida a Italia—a mais notavel *réussite* jornalística dos ultimos anos—entrevistou Gabriele d'Annunzio, e deixou, d'essa entrevista, um elevado e magnifico capitulo. Em Lisboa, muitas pessoas se irritaram... Mas a grande maioria, a *élite*, louvou e aplaudiu. Em Espanha, *El Sol* transcreveu. Em todas as almas de hoje, desempoeiradas, esse capitulo gravou-se.

Muitos censurarão Antonio Ferro por colocar no seu oratorio a figura de Gabriele d'Annunzio—o «ultimo Cesar latino», como eu escrevi já, no ano passado. Não tem razão se o fizerem. Primeiro, porque Antonio Ferro mantem a sua attitude orgulhosa, mesmo quando admira. Segundo, porque os artistas tem pleno direito de se devotar a quem quizerem, de levantar, nos seus escudos, a legenda que preferirem. Antonio Ferro aclama Gabriele d'Annunzio. E' um belo gesto. Ele faz com que Antonio Ferro fique tambem inscrito, entre a vanguarda da epopeia loira de Fiume!

Permitam-me que eu destaque, do «Gabriele d'Annunzio e Eu», o *Proscenio*, série de afirmações lucidas e vitoriosas; a entrevista com Gabriele d'Annunzio; *Em Veneza*, d'um notavel impressionismo colorista; a nota mundana dos primeiros periodos de Pepino Garibaldi, dada com uma rara percepção do que é o *puzzle* intenso da vida elegante; e o *Adagio*, o capitulo de Florença, pagina de misterio, de superstição e de magestade dolorosa.

E para terminar, deixem-me afirmar ainda que dou todo o direito a Antonio Ferro de se colocar em *pendant* com Gabriele d'Annunzio... Ambos vôam, ambos riscam o espaço... e no espaço não ha fronteiras, não ha escolas, não ha confrontos...

JOÃO AMEAL



CORRESPONDENCIA DE MISS MABEL

MISS MABEL continúa a receber diariamente na redacção da Ilustração Portuguesa, inumeras cartas de consulta. Hoje continuamos a publicar as respostas da celebre quiromante e cartomante, que escrupulosamente atende todos os seus clientes.

Para consultar *Miss Mabel* basta seguir estas indicações. Passado, presente e futuro, por quiromancia: Enviar com a data de nascimento, morada e nome (ou pseudonimo) o contorno exacto da mão esquerda e a reprodução das principaes linhas da mesma mão.

Por cartomancia: Partir um baralho de cartas com a mão esquerda, e dizer a carta por que o baralho foi partido, assim como o naipe que prefere, á excepção do naipe de espadas. Mandar data do nascimento, morada e nome (ou pseudonimo).

Copiar a seguinte oração:
«Cartas, pelo poder de S. Cypriano que sete anos no mar andou, sete sortes por sua esposa deitou, dizei-me com lealdade o que desejo saber.»

As respostas serão dadas aqui gratuitamente com a demora maxima de 15 dias, ou em carta particular mediante a quantia de 50 centavos e uma estampilha de 10 centavos para a resposta. Os senhores assinantes que desejem resposta particular terão apenas que enviar uma estampilha de 10 centavos e o numero da sua assinatura.

MEFISTOFLES — nascido em 14-8-1905 — Queira indicar novamente a sua direcção, em letras claras e explicitas. Mandei resposta para a Rua do Almada, 1030 — Porto, e a carta veio devolvida com a indicação de que não havia este numero naquela rua.

MARIA TEREZA DE AGUIAR — Também não se entende bem a sua direcção. A morada que me deu não está certa. O correio não conhece o seu nome. A carta veio devolvida. Espero indicações.

FLOR-DE-LIZ. R. Z. — nascida em 12-7-1907. — O seu presente nada tem de particular. Vive

tranquila, sem grandes alegrias, mas também sem grandes contrariedades. É alegre, inteligente e viva. Como é um pouco preguiçosa e principalmente muito irregular no seu trabalho, não lhe posso afirmar que seja muito feliz nos seus estudos. Está na sua mão o bom exito dos seus exames. Trabalhe com metodo e coragem. O rapaz que ama (ou antes, que supõe amar) é um pouco estouvado e inconstante de modo que é possível que não seja ele o que ha de casar comsigo e fazel-a feliz. Mas isso não tem importancia, visto não ter por ele um grande

amor. Casará rica e será feliz. Não seja ciumenta e tenha cuidado com algumas das suas amigas.

CANA RACHADA. — filha da Madeira. — Vou satisfazer os seus desejos, mas como não me disse a data do seu nascimento, pode ser que o meu exame não seja tão completo e tão minucioso quanto seria para desejar.

O seu passado sem ser de todo infeliz, deu-lhe algumas desilusões e fartos desenganos. Nem sempre foram bem interpretadas as suas acções nem sempre bem sucedidos os seus negocios. Em amor, como é muito exclusivo, ciumento e até autoritario, nem sempre foi muito feliz. Viajará muito. Terá pequenas doenças sem importancia. Amará com paixão. Receberá dinheiros pequenos. Será bem sucedido na empreza que momentaneamente o atrai. É ambicioso e inteligente.

ALMA TRISTE — nascida em 11-2-1901. — Consulte as cartas em sua intenção e creio poder afirmar-lhe o seguinte:

«No seu passado, apesar de curto, já se deu um grande drama. Pessoa de sua familia, parente muito chegada, roubou-lhe o amor de alguém a quem muito queria, não é verdade? Que de falsidades lhe tem feito! Das suas amigas intimas nada deve esperar. A traição de que ainda hoje sofre, devia ter-lhe aberto mais os olhos. Porque teima em ter em todos a mesma confiança cega? Foi vitima de um roubo ha pouco tempo. Fez uma viagem por mar que deixou tristes recordações... Espera com anciedade uma carta de que depende em parte o seu futuro, não é verdade? Não quer saber o que está para lhe acontecer? Seja. Falemos apenas do seu «presente».

A hora de comidas e bebidas terá brevemente uma grande surpresa... Não é verdade que espera alguém muito querido?

TONICO FORMIOL MUSCULAR

(REGISTADO)

MEDICAMENTO DE EXITO NOTAVEL

Na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões,

afecções nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas cerninaes, escrofulas, linfatismo, falta de apetite, palidez, hemorragias, afecções osseas, raquitismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rapido e energico. Tónico por excelencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada

do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao «esport» tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitar o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre otimos resultados. Não tem dieta. A venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 5\$00. Correio, até dois frascos, mais 50 centavos. Deposito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 116. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139. Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Occidental: S. Tome, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela. Farmacia Continental. Loanda: Serra, Anes & Irmão

O ERGA

É, segundo a opinião dos Ex.ªs medicos que o tem experimentado, um tónico de eficacia certa e sem igual, sobretudo nas afecções seguintes:

Anemia, clorose, neurastenia, paludismo, doenças do peito e enfraquecimento geral. Excelente nas convalescências.

Excita o apetite e dá força senou muito bem tolerado pelo aparelho digestivo.

Preço 4\$00

DEPOSITO HYPODERMICA

R. DJ SHIT B. 153 — TEL. 765 N

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

CASA RUBI

Telefone: Central 3851

Iluminação, higiene e aquecimento.

120—R. DOS RETROZEIROS—122
LISBOA

O passao. o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-
mante e fisionomista da Europa

Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, cronologia e fiziolegia e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavier, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Faia portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas todos os dias utels em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-

das 11 da manhã ás 7 da tarde em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-

lota) — Lisbon

M.ª TULA

CAMPO GRANDE, 264, 2. — LISBOA



Consultas de atrasos de vida, desarmonia no lar, negocios, mal de quão não conhecem a causa, inimizades, sofrimentos fisicos ou moraes e qualquer assunto de natureza reservada: 10, 15, 20 escudos cada consulta.

Por correspondencia juntar mais um escudo para trabalho e despacho do escriptorio.



Trabalhos só por bem.—Tratamentos magneticos

(Consultas das 15 ás 18)

Companhia de Seguros

GARANTIA

Fundada em 1858 — Sede no Rocio

(Edificio proprio)

Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921 — Esc. 7.972:798\$76

CAPITAL MIL CONTOS

(Inteiramente realisado)

Efectua seguros terrestres, agricolas, industriaes, de automoveis, trespasses, maritimos e de minas.

SEGUROS DE VIDA.

AGENTES:

José Henriques Tota, Ltd.ª

BANQUEIROS

Teleph. 533 e 1.589 central

LISBOA

M.ª VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo escisrece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinhelro.

Consultas todos os dias utels das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta. Caçada da Patriarcal, n.º 2, 1.ª Esq. (Cimo da rua d'Alegria, prédio esquina).

ver, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SEculo"

Preço: 20 centavo

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

EDUARDO PINTO DE SOUSA & C.ª L.ª

Máquinas e Ferramentas para as Indústrias Agricultura e Colónias
COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES E CONTA PROPRIA
Telefones C-193 e 2288-End. Teleg. MECANICA-LISBOA

74, Rua 24 de Julho, 74-E
LISBOA

INSTALAÇÕES COMPLETAS DE:

Fabricas de moagem, descasque de arroz, massas, serração, carpintaria, ceremica, conservas, fiação, tecidos, gelo, refrigerantes, adubos, papel e outras indústrias

Lagares de azeite «PIETRO VERACI».

Motores a gaz pobre de 8 a 300 H. P. «PAXMAN».

Tractores «CASE» com as respectivas charruas «Grand-Detour». — Os tractores que obtiveram o primeiro premio e medalha de ouro no concurso de Lincoln em competença com 38 outros concorrentes.

Locomoveis, com fornalha propria para queimar lenha, «PAXMAN».

Motores a oleos pesados «DIESEL» e «SEMI-DIESEL».

Jogos de debulha «PAXMAN».

Enfardadeiras «STEPHENS N».

Maquinas de vapor, fixas, semi-fixas e caldeiras «PAXMAN» de todas as forças.

Ceifeiras, gardanheiras, «DEERING».

Respadores e grades de dentes de mola.

Cultivadores e semeadores «PLANET».

Corta-fenos simples e para ensilagem.

Trituradores para rações e cereais.

Desintegradores «CARTER».

Bombas centrifugas, aspirante-prementes rotativas, Columbia de jarro e relógio.

Bombas «Worthington» e «giffards» para alimentação de caldeiras.

Bombas de trafega «NOEL».

Desnatadeiras e bateadeiras «ANGELUS».

Crivos seleccionadores «Marot».

Acessorios para todas as debulhadoras e ceifeiras

Redes de aço para escovadores. Carrinhos de mão para sacos.

Tubos de aço para caldeiras fixas e locomoveis

Magnetos e alumagens para motores. Aparelhos diferenciais e mandris. Lubrificadores de todos os sistemas.

Oleos, correias e empanques

Ferramentas para as industrias. Tornos, limadores, maquinas de frezar, furar e atarrachar «DANISH».

INSTALAÇÕES COMPLETAS DE LUZ E FORÇA MOTRIZ

Sem excesso de reclame, a casa que tem em armazem não só maquinismos que anuncia, mas ainda muitos outros que pela sua diversidade é impossivel especificar. Para comprovar o que afirmamos, convidamos os nossos ex.^{mos} clientes a visitar os nossos armazens.

Fornecem-se propostas e orçamentos